

# PROJETO | MEMÓRIA EM AÇÃO: AS MINHAS MEMÓRIAS, A NOSSA HISTÓRIA



Foto: Museu de Lagos | Lídia Moreira

## ENTREVISTA

**GRACINDA LOPES DOS SANTOS VIEIRA** nasceu no Castanheiro, freguesia de Bensafrim, concelho de Lagos, em 1949.

Concluiu o Ensino Primário.

Teve várias profissões, entre elas, a de empregada de balcão e a de trabalhadora por conta própria.

Em 25 de Abril de 1974, vivia em Bensafrim e trabalhava nas Colinas Verdes.

## DESCRIÇÃO

**Código de Referência:** PT/ML/AML/C/3/35/000042

**Título:** Entrevista a Gracinda Lopes dos Santos Vieira

**Data:** 16/02/2024

**Local:** Instalações da União de Freguesias de Bensafrim e Barão de São João

**Tipo:** Entrevista áudio formato M4A

**Duração de gravação:** 00:42:29

**Entrevistador:** Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

**Registo fotográfico:** Museu de Lagos / Lídia Moreira

**Transcrição, revisão e edição:** Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

**Texto revisto e validado pelo entrevistado** a 30/04/2024.



MUSEU  
DE LAGOS

**Patrícia de Jesus Palma (PJP):** *Senhora Gracinda, muito obrigada pela sua disponibilidade em colaborar com o projeto Memória em Ação, aceitando conversar conosco sobre as suas memórias relativas ao 25 de Abril de 1974. Começo por lhe perguntar sobre si: feita a sua escolaridade, que profissões teve ao longo da sua vida?*

**Gracinda Lopes dos Santos Vieira (GLSV):** Tive muitas, mas, ultimamente, fui empregada de balcão, tive uma pastelaria minha. entretanto, fiz muitas coisas antes disso. Não sei se é preciso explicar algumas...

**PJP:** *Diga, por favor... Quando saiu da escola com a 4.ª classe, começou logo a trabalhar ou ainda ficou em casa?*

GLSV: Até antes disso já trabalhava. Às vezes, pediam para ir apanhar grãos, ia ganhar as manhãs a apanhar grãos, fui semear favas atrás de uns cavalos ali para o lado da Sabrosa, que vinha os cavalos do Alentejo com as pessoas e eu ia ganhar aquelas horas com eles. Era uma semaninha, que eu andava sempre desejando e a gente também gostávamos, com 13 ou 14 anos, já gostávamos de receber alguma coisa.

E, depois, a minha mãe, aos 14 anos, pôs-me na costura, a aprender na costura.

**PJP:** *Aqui em Bensafrim?*

GLSV: Aqui em Bensafrim. Vinha sempre a pé e ia...

**PJP:** *Como é que se chamava a senhora que ensinava?*

GLSV: Era a senhora Maria Francisca Pacheco Rosado.

**PJP:** *Que ensinava as meninas à costura?*

GLSV: Sim, naquela época, não íamos trabalhar, íamos aprender a costura.

**PJP:** *Era um princípio?*

GLSV: Era um princípio, para depois termos um futuro na nossa vida. E, depois, é que começou a aparecer, quando começou a aparecer os hotéis, a haver outra evolução, é que já começaram a ir trabalhar para os hotéis. Eu, o primeiro trabalho depois da costura que fui fazer, fui trabalhar para o Hotel Lagos, foi quando o Hotel abriu, fui fazer as batas para as empregadas, fui fazer as bainhas para as toalhas, fui fazer aqueles panos, aquelas coisas. Compravam às peças, era eu e mais outras costureiras, e como aquilo abriu naquela altura, naquele tempo não havia coisas já feitas, como há hoje, e, então, íamos fazer. Foi o meu primeiro emprego de costureira, a não ser para as coisas da casa, para

os meus irmãos que eram pequenitos e essas coisas assim, e depois fui trabalhar para o Hotel Lagos a fazer estas coisinhas.

**PJP:** *Ia e vinha todos os dias, ou ficava lá no hotel?*

**GLSV:** Sim, sim, vinha todos os dias. Tinha era uma tia que, naquele tempo, tínhamos que andar com o almocinho atrás, tinha uma tia que morava lá e, na hora de almoço, ia almoçar à casa da minha tia, que me deu apoio nessa fase, que foi muito bom também. E, então, era assim, e depois à noite voltava para casa na camioneta. Íamos na camioneta para baixo e vínhamos de camioneta para cima. Naquele tempo, havia muitas camionetas que não é como agora que não há quase nada, duas ou três só por dia. Naquele tempo, era de hora a hora havia camionetas para levar as pessoas.

**PJP:** *As pessoas também não tinham carros?*

**GLSV:** Era o único transporte melhor, se não tinham de ir de bicicleta a pedal dos homens, ou de carro de besta, não é? Era a vida que era assim e quando nós começámos a trabalhar, o Hotel foi dos primeiros a abrir, foi quando começámos assim e foi assim. E, depois daí para a frente, ora uma coisa, ora outra, fui sempre fazendo muito, havendo mais trabalho. Trabalhei numa fábrica dos bolos, trabalhei na fábrica das salsichas ali em Lagos... Fiz várias coisas e, depois, por fim, fiz um estabelecimentozinho meu, também.

**PJP:** *Aqui em Bensafrim?*

**GLSV:** Aqui em Bensafrim. Eu nasci ali [Castanheiro] e casei, fiquei morando aqui em Bensafrim, logo aqui próximo.

**PJP:** *E a escola, onde é que fez a escola?*

**GLSV:** A escola fiz só em Bensafrim.

**PJP:** *Vinha à escola aqui em Bensafrim?*

**GLSV:** Sim, sim, todos os dias. Todos os dias vinha à escola e a minha mãe, às vezes, vinha-me trazer – tenho estas recordações – porque, às vezes diz-se que as mães naquele tempo não tinham paciência, mas, coitadas, tinham que ter – vinha trazer o almoço ali a meio caminho. Ela trazia-me o cestinho com a comida, chegávamos ali, púnhamos o rabinho em cima dumas pedras que havia ali, que era assim um valado, eu comia, ela agarrava no cestinho e eu vinha-me embora para trás, pronto.

**PJP:** *E encontravam-se, assim, a meio do dia?*

**GLSV:** Sim, a meio do caminho, nessa hora que ela me vinha trazer a comida. Eu depois ainda ficava aqui, que eu só saía às 5h da tarde. Depois, às 5h da tarde lá ia eu para casa.

**PJP:** *Quanto tempo é que levava, mais ou menos, de casa à escola?*

**GLSV:** Talvez aí 20 minutos, não era assim muito. Hoje, se calhar, levo meia hora, mas naquela altura tinha o passo ainda leve. E, então, era assim que acontecia.

**PJP:** *E a escola era mista, ou era só de meninas?*

**GLSV:** Tínhamos aulas de uma coisa e de outra. Eu tive quatro professoras. E, então, a 1.ª classe era mista, depois, à medida que íamos crescendo, na 2.ª classe, já foi só de uma classe, à 3.ª já passámos com outra professora também só com outra classe e, por último, já foi uma coisa e outra. Na 4.ª classe, já era rapazes e raparigas.

**PJP:** *E, depois, foi fazer o exame da 4.ª classe?*

**GLSV:** A Lagos. Eu mais... A minha mãe não foi comigo, mas fui mais a mãe de uma outra colega. Naquele tempo, ajudavam-se uns aos outros, as pessoas. Então, ela [mãe] lá mandou fazer um vestidinho novo para levar ao exame, que era de riscas amarelas e brancas, que fica sempre na memória da gente, e, depois, tinha uma tira atravessada que tinha aqui uns bolsos. Nunca me esqueço aquelas coisas!... E lá fui eu toda contente e feliz fazer o exame e, naquele tempo, levava-se trabalhos manuais para se apresentar na escola e eu levei um bocado de malha, um belo bocado, e, depois lá, fazia-se um bocadinho para ver se aquilo era obra nossa. E, então, também uma coisa engraçada: umas faziam umas coisas, outras faziam outras. Eu levei um bocado de malha em vermelho escuro, que fazia uns quadradinhos de liga e meia. Era só uma coisa e outra, mas era uns quadradinhos, aquilo ficava engraçado, um pedacinho para verem que eu sabia fazer.

**PJP:** *E correu bem?*

**GLSV:** Correu bem. E fomos à balança fazer pesadas de coisas, que, naquele tempo, tínhamos que saber...

**PJP:** *Os pesos?*

**GLSV:** Os pesos, aquelas balanças com os pesos em cima, aquelas coisas assim. Coisas que ficam marcadas na nossa vida e que hoje os moços não sabem...

**PJP:** *Nem sequer sabem o que é.*

**GLSV:** Nem sequer sabem o que é, é verdade. E, pronto, foi assim.

**PJP:** *E como era aqui a vida nessa altura, no seu monte, e aqui perto, em Bensafrim?*

**GLSV:** Era tudo assim com o mesmo género, tudo da agricultura. Eu ia com o pai semear favas para aqueles cerros, que ainda hoje se passa ali, só tem carrascos. Era o tempo de apanhar amêndoas, íamos apanhar amêndoas, quando era o tempo dos figos, íamos apanhar figos...

**PJP:** *Era para vender? Iam apanhar para os proprietários?*

**GLSV:** O meu pai era o caseiro de uma propriedade. E, então, aquilo que apanhávamos, os patrões levavam a parte deles, ou vendiam, ou faziam aquelas coisas, mas era assim tudo em moitão, tudo junto, porque os meus pais trabalhavam para aquela senhoria.

**PJP:** *E para a monda do arroz?*

**GLSV:** Não, nunca fui. Aqui pessoas de Bensafrim, pessoas mais pobres, mais pobres ainda que a minha classe, porque o meu pai vivia da agricultura, tinha animais, semeava o trigo, semeava as favas, semeava aquelas coisas e até pagava a algumas pessoas para irem fazer a monda do trigo – naquele tempo, tirava-se as ervas daninhas do trigo – e pagava pessoas aqui de Bensafrim para irem lá fazer isso e então éramos, toda a gente, a bem dizer, a não ser aqui alguns que eram carvoeiros, outros eram, assim, a ganhar o dia aqui e ali, mas o meu pai vivia daquilo, de uma bela herdadezinha, uns 7 ou 8 hectares de terra e vivia dali, com animais a criar: é as vacas, é as ovelhinhas, o burrinho. Tinha aquelas coisinhas assim, que eram auxílios da agricultura, que lhe faziam face ao trabalho deles, não era? Tinham um carrinho de besta, tinham o burro para carregar os figos lá do terreno, da fazenda, para levar para o almeixar, aquelas coisas assim. Hoje, ninguém sabe o que é um almeixar, nem como é que se fazia, mas era a vida assim.

**PJP:** *Ia também a feiras vender os animais?*

**GLSV:** Sim, o meu pai tinha uma coisa muito gira: o meu pai tinha um touro, que era o touro de lançamento, que as vacas iam todas, ali dos arredores, iam ali cobrir-se. E, depois, aquilo tornava-se giro. Eu, com os meus 10, 11 anos, era o braço direito do meu pai, porque era a única que sabia ler. E, então, o meu pai tinha uma relação naquelas folhas, não sei se vocês se lembram, de 24 linhas, e o meu pai comprava e depois apontava o nome dos homens que tinham ido lá com o gado. Depois, só se vinha receber no dia da feira de Bensafrim e, então, eu vinha com o meu pai, com aquela relação.

**PJP:** *Mas, era preciso que a cobrição tivesse corrido bem, ou não?*

**GLSV:** Sim, mas, às vezes, voltavam outra vez...

**PJP:** *Até ficarem cobertas?*

**GLSV:** Sim e depois pagavam. Iam com duas ou três vacas: uma tinha duas, outro tinha três, outro tinha quatro e, depois, começava pelo “A”: os Antónios, os Albertos, dali passava para os “B” e assim sucessivamente até aos “Josés” e Joões” e aquelas coisas todas e, depois, quando nos encontrávamos na feira, eu vinha com o meu pai, com um vestidinho novo de chita, que se estreava no dia da feira, lá vinha eu toda feliz com ele. Depois, os homens também me ofereciam uma gasosasinha, íamos comer à barraca dos peixes fritos e aquelas coisas, porque se comia ali com o meu pai e com os outros homens, e aquelas coisas assim... E havia o monte das melancias e havia aquelas coisas. Depois, recebíamos o nome e depois é que era “isento”: o José não sei quê – pago. Punha-se lá, já riscado, e dizendo pago à frente. E, então, eu era a minha perfeição ali alguns anos.

**PJP:** *Era ali a secretária?*

**GLSV:** Era a secretária dele, sim. Aquilo, íamos tomando nota o ano inteiro e, depois, quando chegasse perto da feira, passava-se aquilo tudo a limpo, que era para vir ali com tudo: fulano tinha tantas... E, então, corríamos ali a feira à roda, à roda para se encontrar as pessoas e as pessoas também já sabiam que aquele dia era o dia de pagamento do lançamento das vacas.

**PJP:** *Então e o pagamento tinha que ver com o número de bezerros que tinham nascido, ou era o serviço?*

**GLSV:** Não, era o serviço. Se eram três vacas, eram três vacas. Eu já não me lembro bem, mas aquilo devia ser para ali 20 escudos, ou menos ainda.

**PJP:** *Cada cobrição?*

**GLSV:** Sim, cada vez que, se houvesse muitas, se calhar, lá fazia algum desconto, isso também já não tenho muito bem na memória. Sei que era assim que se ia fazendo as coisas. Havia umas feiras muito grandes, muito bonitas. Eu ficava encantada com os grandes moitões de melancias no chão...

**PJP:** *Vinham de fora?*

**GLSV:** Vinham de fora, numas camionetas. Vinham vender aquilo e punham as melancias no chão, os cerros todos cobertos de cabras e de ovelhas, que era bonito...

**PJP:** *Que os pastores traziam?*

**GLSV:** Que aí os pastores aí dos campos traziam tudo e vinha ali no barranco, que havia ali assim ao lado, era a barreira dos porcos, ali era os porcos. Os porcos ficavam ali no

barranco, ali era mais fresco e, se calhar, ainda havia ali alguma água para os animais estarem, também era muito interessante. Pronto, e havia ali fartura de tudo. Só me lembro de uma vez vir o carrocel! Acho que era muito pequena. O carrocel mesmo daqueles de andar à roda, foi a única vez que talvez fosse ali, não sei, talvez os meus 8 ou 9 anos, ou coisa assim, mais miúda, e pronto. Eu digo que o meu pai não sabia ler, mas foi ele que me ensinou a fazer os números até 5 e o “a, e, i, o, u”!

**PJP:** *E sabia, provavelmente, contar, fazer contas...*

**GLSV:** Contar e assinar o nome dele. Naturalmente, que ainda andou, não sei se um ano, a ir para a escola e sabia assinar o nome dele, mas tinha capacidades de inteligência, era uma pessoa com capacidades de ter tudo na memória, memorizado. E, depois, à medida que eu fui aprendendo, eu é que escrevia as cartas para a patroa, para a patroa que era a dona da fazenda. Morava em Lisboa, na Amadora, e, então, comunicava-se, naquele tempo, por cartas. Ele lá tinha coisas para dizer à senhora, lá mandava uma carta e a senhora, lá vinha, lá dava a resposta, e ele ia-me ditando e eu cá ia escrevendo... E, pronto, foi assim a minha infância.

**PJP:** *E eles sempre a incentivaram a que fizesse a escola?*

**GLSV:** Sim, sim. Nunca nos obrigaram, não era obrigatório, naquele tempo irmos para Lagos, era só até 4.<sup>a</sup> classe e depois como também os filhos faziam falta ali em casa, até a minha mãe teve aquela habilidade de me pôr na costura, que já era uma coisa melhor, já era uma coisinha...

**PJP:** *Extra?*

**GLSV:** Extra. Mas, ela também era inteligente: porque tinha dois moços mais pequenos e eu tinha que fazer roupa para eles, também. E, pronto, fomos vivendo assim.

Mas, tinha também uma casa muito pobre, que eu lembro-me do chão ser ainda de terra quando eu comecei a andar e a fazer aquilo tudo e, depois, foi evoluindo. Mais tarde, mais tarde, fizeram o chão de pedra mármore; e depois mais tarde, mais tarde, já foi com um chanito dos mosaicos e estas coisinhas assim e já houve mudança na casa porque também era umas casas muito antigas, daquelas que tinham um entremeado para moer as papas, de farinha de milho, não se sei se vocês sabem o que é: era assim um moitão, um grande coiso e depois tinha lá uma mó, com um pau, e a gente moíamos a farinha do milho e trigo e moíamos assim. Depois, mais tarde, mais tarde, já derrubaram aquilo abaixo, já fizeram um poial para pôr os cântaros da água. Depois, mais tarde, mais tarde, já veio a água...

**PJP:** *A água, onde é que iam à água?*

**GLSV:** Íamos ao poço, que aquilo era uma trabalhadeira que era... E tínhamos de subir assim um belo bocado de caminho, porque íamos buscar a água àquele poço, enchermos a pia para as vacas beberem e trazermos os baldinhos por aí acima, ou um cântaro, ou... Naquele tempo, não havia tantas vasilhas como há hoje, nem aquelas de plástico, nem nada disso. Era só os cântaros de barro e baldes de zinco, não havia baldes de plástico. Os baldes de zinco eram pesados e tirávamos água também com um balde de zinco, que era mais pesado para dar a volta, tínhamos sempre um balde desses para tirarmos a água. E, pronto, ali atado por uma corda... Às vezes, lá a corda lá se partia e voltava lá para baixo, depois lá havia uma fatexa, punham a fatexa num baraço para andar lá às voltas para trazer o balde para cima, que aquilo tinha de ser tudo apuradinho. E, pronto, lá foi assim.

**PJP:** *E depois a luz, quando é que chega a luz à sua casa?*

**GLSV:** A luz já veio assim, assim, bastante já mais tarde. Já depois do 25 de Abril e já algum tempo. Porque eu tinha um irmão, que até faleceu, que, quando veio a luz comprou um ferro para a minha mãe, um férro elétrico, para ela passar a roupinha deles. E, antes disso, era termos um daqueles pequeninos para pôr em cima das brasas e também usámos esse de meter as brasas lá dentro... Sim, ainda passei muita roupinha com esses dois ferrinhos e, depois, mais tarde, quando veio a luz, já o meu irmão ofereceu à minha mãe uma tábua de passar a ferro e um ferro. O meu irmão já trabalhava... Morreu com 22 anos ou 23... Então já trabalhava e ofereceu um ferro à minha mãe. Também me ficou estas coisas assim, não é?

**PJP:** *Na sua casa, estava a lembrar-se que o chão ainda era em terra batida, e as divisões? Tinham as divisões separadas, ou era uma única divisão?*

**GLSV:** Naquela família toda só tínhamos dois quartos.

**PJP:** *Eram quantos?*

**GLSV:** Eram cinco filhos. Portanto, um quarto era para o casal, para o meu pai e para a minha mãe e o outro quarto, enquanto os meus dois irmãos mais novos não vieram, dormíamos os três irmãos na mesma cama, no mesmo quarto. Depois, mais tarde, quando veio o outro irmão, naquele quartinho, mesmo pequenino, pôs-se um divãzinho ao lado. Eu, com as minhas recordações, de criar aqueles moços todos, lá me punha em cima do divã a adormecê-los e, depois, voltava a pô-lo na caminha. Portanto, enquanto os outros três estavam na cama, leito de ferro, duas moças e um moço, e depois, quando

veio os outros, veio para ali. E, depois mais tarde, veio outro meu irmão, esse que faleceu, havia um celeiro lá onde é que guardavam as coisas do monte, da casa, e, depois, o meu pai ou a minha mãe lá tiveram a ideia de fazer um quartinho para o Zé, nesse celeiro, num recantozinho, e era o quartinho quando ele já se tornou rapazinho. Aquilo até serem pequenos estavam por ali todos juntos.

**PJP:** *Eram os quartos e era a cozinha?*

**GLSV:** Era a cozinha. A cozinha era uma bela cozinha, assim muito antiga, que tinha um mourão ao meio, porque naquela cozinha havia aquele mourão que fazia de guarda-fogo, faz-de-conta, guardava a parte dos fogões, fogão de lenha, e depois no outro canto havia aquela coisa dos cântaros, à medida que partiram esse mourão, quando aquilo evoluiu, já a chegar o 25 de Abril e já depois, partiram essas coisas e a cozinha ainda ficou maior, já se comia lá, porque, antigamente, quando eu era pequenina, comíamos na casa de fora, porque a casa de fora também servia de tudo. Tinha umas caixas grandes, quando viesse as tulhas dos figos era lá que se arrumava as tulhas dos figos na sala, faz-de-conta. Hoje chama-se uma sala, naquele tempo era a casa de fora, era uma casa grande que dava para tudo. Era o saco das amêndoas a um lado, era a tulha dos figos noutra, a gente comíamos numa mesinha para ali assim um quadradinho, um aqui outro ali e lá eram as coisas assim. Depois eu, com os meus 10 ou 11 anos, a minha mãe ia para o campo com os outros todos e eu já ficava aqui em casa fazendo a comida; os bezerros ficavam nas manjedouras porque tinha que ir a um poço buscar os baldes de água para dar água aso bezerros, para dar a palha e dar o ferrejo, a erva, que ele deixava logo, por causa de: “- Não te esqueças de dar comida aos bichos. Não te esqueças de dar água aos bichos, não te esqueças a fazer a comida, não te esqueças isto, não te esqueças aquilo...”

**PJP:** *Tinha muitas tarefas...*

**GLSV:** Tinha muitas tarefas por minha conta. Uma vez, levei porrada porque esqueceu-me a deitar o bacio do xixi fora.

**PJP:** *Porque não havia casa de banho nessa altura?*

**GLSV:** Não havia casa de banho e, então, a minha mãe ia-se embora e dizia-me: “- Fazes a cama, deitas o penico fora.” Tínhamos que pôr aquele xixi lá para a estrumeira e depois lavava-se o bacio e punha-se em casa outra vez. E um dia eles chegaram e eu cá fiz tudo, tudo e não deitei o bacio fora... Levei! Levei um tabefezinho, que aquilo, naquele tempo, tocava tudo assim. De outra vez, também vou contar esta parte que também foi gira: uma vez, fiz feijão com arroz para o almocinho, o meu pai chegou:

“– Não puseste tempero no feijão?

– Pus, pai, pus.

– Mas acho que isto não tem tempero...

– Pus. Quer ver, quer ver?”

Fui buscar a frigideira, lá estava o tempero dentro da frigideira! Ele tinha toda a razão! Eu sabia que tinha feito, só que com aquilo tudo... Lá fui buscar a frigideira, o meu pai lá pôs aquilo dentro da panela e comeu-se à mesma. Há coisas de crianças, que já se sabe... E eu ficava com muito encargo sozinha e então... pequena, claro. Eram as coisas assim. Eu saí da escola com 11 anos, até aos 14, ainda estive ali 3 anos em casa. E, mesmo quando andava na escola, ainda ia cá longe, já via as vacas à minha espera. Chegava lá, tinha que despir aquela roupinha que tinha e descalçar aqueles sapatinhos e comer um bocado de pão com manteiga e figos, que eram os meus iogurtes daquela época, que é o que eu às vezes digo, o meu lanchinho, e tinha já as vacas à minha espera para ir cuidar delas. Depois lá levava uma saca, levava o pau, os figos e o pão para ir comendo...

**PJP:** *E ia pastorear as vacas?*

**GLSV:** Ia pastorear as vacas. E, às vezes, ainda levava coisas da escola para estudar e o catecismo da catequese, que naquele tempo era tudo assim, e, uma vez, pus os livros em cima da saca, que levava uma saca, quando tivesse oportunidade, sentava-me um bocadinho para estar a ler e, uma vez, pus aquilo lá e fui voltar as vacas, quando voltei tinham-me roubado os livros e os catecismos e aquilo tudo! Aquilo havia, onde eu estava a guardar as vacas, um caminho de terra batida, que passavam pessoas que iam para Marmeleite, lá para a serra. E passou lá um homem e viu aquilo e carregou com aquilo. Mas, depois, alguém soube, lá foi um moço de bicicleta, que o meu pai tinha sempre assim uns criados, e foi: “- Então, isso deve ter sido o ti’ Veríssimo passou ali com a besta e levou.” Foi atrás dele e lá o alcançou...

**PJP:** *Ainda os recuperou.*

**GLSV:** Ainda recuperei as coisas. Também foi engraçado e nunca mais estas coisas me saem da memória, está a perceber? Há coisas que a gente, há-de haver muitas que eu não me lembro, mas há outras que ficam. E a gente, quando somos pequenos, aprendemos com mais facilidade as coisas, depois de grande já...

**PJP:** *Ainda está muito espaço livre...*

**GLSV:** Uma pessoa acontece agora qualquer coisa mais recente, já não se liga ou não sei, mas aquelas coisas... Também foi interessante aquelas peripécias que vão aparecendo.

**PJP:** *Então e quando se dá o 25 de Abril, quantos anos é que tinha?*

**GLSV:** Nessa altura, já eu era casada. Eu casei em 71 e já tinha um filho. Nasceu em 73. E o 25 de Abril aconteceu já ele com 1 aninho quase. Eu, quando casei, trabalhava nas Colinas Verdes com os estrangeiros. Começaram a vir para além, foi começar nas Colinas Verdes a ganhar algum dinheirinho, e, depois, casei-me, o meu marido alugou uma casa aqui em Bensafrim e viemos morar para Bensafrim. Em 73, nasceu o meu filho, em 74 aconteceu aquilo e o moço já dizia:

“– O po’ uni’ jama’ será venci’!”

Porque, naquele tempo, os homens dos partidos, os comícios, começavam a vir. A primeira coisa que fizeram foi aqui em frente à Junta e nós estávamos ali do outro lado da estrada, uma porção de pessoas, e um senhor que era o Veloso, já não me lembro...

**PJP:** *Seria arquiteto Veloso?*

**GLSV:** Arquiteto Veloso vinha para aqui – naquele dia era aquele, noutro dia era outro – e fez aí um grande “tétété” aí nas janelas e estava ali tudo de boca aberta. E, depois, diziam: “O povo unido jamais será vencido!” e o moço pequeno: “– O pov’ uni’ jama’ será venci’!” – Olha, toma lá que já está!

Portanto, eram as coisas assim. O 25 de Abril com esta situação, estes comícios, comovia as pessoas, porque eles, os políticos, diziam: “– As pessoas têm vergonha de ir à vossa casa! As pessoas têm um chão de terra! As pessoas não têm água!” Faziam o papel que era a realidade e as pessoas, como sentiam na pele, sentiu-se as pessoas tudo a correr as lágrimas na cara, está a perceber? Porque eu vim morar para Bensafrim, mas não tinha água. Vim alugar uma casa, mas também tinha que ir ao poço buscar uns baldinhos de água, fazer as necessidades num balde e jogar lá para baixo para a estrumeira. Naquela época já e ainda tínhamos tudo assim, ainda tínhamos muitas necessidades. Portanto, depois dali para a frente, começou a haver os comícios na escola: lá vinha o P.S., lá vinha outro, lá foi começando a desenvolver e foi aí que depois começámos a ficar um pouquinho mais de luz aberta, sei lá... Tínhamos medo de falar, as pessoas tinham medo, ninguém tinha noção de nada. Viam que se estava mal, mas ninguém fazia barulho por nada! Os patrões, tínhamos que arranjar 5 arrobas de figos para aquele que trabalhou ficar com 1, o resto ia para ele (patrão), portanto, aquilo era sempre assim uma vida de...

e, pronto, e fiz assim muita coisa, porque eu acompanhei o meu pai e hoje sou muito forreta, muito poupada, porque nasci naquela situação. O meu pai dizia assim:

“– Filha, apanha estas espigas de trigo que isto dá um panito! Dá uma acranca.”

Naquele tempo, a minha mãe fazia uma acranca, que era um pãozinho pequenino para a gente comer à porta do forno, e o meu pai era sempre assim: “– Faz assim, filha!” E eu, não foi numa alcofa, foi numa canastra, diz que ia com eles para o campo dentro de uma canastra, fui logo conhecendo esta realidade da vida.

**PJP:** *Depois, lembra-se então de virem aqui fazer os comícios, as sessões de esclarecimento?*

**GLSV:** Sim, era aqui na escola. Depois, já começou na escola, primeiro começaram a ser nestas partes assim (Junta), depois já começou: “– Em tal dia vem fulano, em tal dia vem gavulano.” Lá vinham os partidos a ir à escola. E as pessoas iam assistir, também fui várias vezes. Toda a gente, do campo e tudo, vinha muita gente, enchia a escola! As pessoas estava tudo a querer ver aquela mudança, não é?

**PJP:** *A ver o que é que ia dar.*

**GLSV:** A ver o que é que ia dar, a ver se tínhamos coisas melhores como eles diziam! E vinham muitas pessoas.

**PJP:** *Lembra-se depois das primeiras eleições, de ter ido votar, lembra-se?*

**GLSV:** Sim, sim, lembro-me, depois comecei a votar.

**PJP:** *E as eleições foram aqui na Junta, na escola?*

**GLSV:** Sim, primeiro foi na Junta, depois foi na escola, começaram a fazer aqueles gabinetinhos para as pessoas irem e agora ainda continua na escola, sim, quando é altura das votações. E, depois, começou a melhorar muito as coisas aqui na nossa vila. Eu vinha para cá para a escola eram uns caminhos fundos, só de terra, tínhamos de passar barrancos, tínhamos que pular barrancos, tínhamos que ir pelos cerros, tinha que o meu pai vir com a burra nos passar, pronto, depois aí começou a desenvolver. Agora hoje já se chega àquele monte (Castanheiro)...

**PJP:** *E aqui na aldeia também houve muito desenvolvimento? As pessoas começaram a pedir coisas?*

**GLSV:** Depois começaram a fazer a água, os esgotos. Eu vim para ali em 71 não tinha esgotos, não tinha, não tinha nada dessas coisas. Eu e muitas pessoas. E a casa foi nova,

nova que eu fui estreá-la; a casa era velha, mas a senhora fez a casa nova, fui estrear aquela casinha, mas pronto não tinha água, não tinha esgotos, não tinha nada. Tomávamos banho dentro do alguidar, fazíamos a necessidade dentro de um balde... E, pronto, essas coisas.

**PJP:** *E que foram mudando.*

**GLSV:** Sim, hoje em dia já temos água canalizada nos montes. Nesse monte que eu vivi já está lá água canalizada.

**PJP:** *E luz? Quando veio para cá já havia eletricidade?*

**GLSV:** Sim, a luz já tínhamos, mesmo além na minha casa já não havia candeeiros a petróleo, já havia candeeiros elétricos.

**PJP:** *Já pôde ter frigorífico?*

**GLSV:** Sim, que não foi logo. O frigorífico foi depois a seguir. Porque naquele tempo também não se comprava, não tínhamos muitas coisas. Eu, como gostava muito da máquina da costura, tinha aprendido a costura e depois também tive o bebé e a querer fazer as minhas roupinhas e as minhas coisinhas e ainda trabalhei de costura para fora, para algumas pessoas, mas, pronto, a luz tínhamos para a máquina da costura. Entretanto, depois, comprei o frigorífico ao senhor João das Pereiras lá de Lagos e que fui pagando em prestações. Naquele tempo não havia dinheiro para...

**PJP:** *Pagar de pronto?*

**GLSV:** Sim, e então íamos pagando um bocadinho, um bocadinho, quando vinha ao fim de algum tempo... Depois, eu também fui assim muito trabalhadorzinha: quando tive o moço mais pequeno, fiz roupinha para fora, quando deixei de fazer, começou a haver algum trabalho em Lagos, já voltei para a salsicharia. O miúdo tinha para ali quatro ou cinco anos e eu, depois, ainda trabalhei lá uns anos, foi nessa parte que já comprei o frigorífico àquele senhor. Ganhava, por exemplo, 4 contos por mês naquela altura e, então, aquele dinheirinho já dava para as minhas coisas: o passe para a camioneta, usava-se a comprar o passe, todos os meses comprávamos o passe e, depois, já tinha dinheiro para comprar coisas para o menino, quando viesse a altura do Natal, quando viesse os aninhos dele, não é? E depois ele viveu 7 anos filho único. Depois, eu já tinha quase 30 anos e eu disse ao meu marido: “- Olha, eu não quero ficar só com um filho, quero outro.” E assim foi. E já as vidas começaram um pouco melhor, está a perceber? E, pronto, é assim, mais ou menos, a história da minha vida.

**PJP:** *Já estava aqui em Bensafrim quando se deu o sismo?*

**GLSV:** Os sismos, conheci alguns três lá no monte, ainda morava lá. O primeiro, andava eu na costura; um que já tinha eu os meus 20 anos foi tudo além no monte. Era as galinhas a guinchar, era os cães a ladrar...

**PJP:** *E chegou a partir alguma coisa?*

**GLSV:** Não, o monte era daqueles montes com as paredes muito grossas, então, nunca ficou nada. Ouvia-se tudo mexendo, mas não partiu nada. E, uma vez, um mais pequeno que havia, era uma noite que eu estava embalando um dos meus irmãos e comecei a ver que aquilo era mais que a conta, já não era só eu. Olha, um tremor de terra! Mas não foi assim muito alarmante. Esse, o último, que depois até viemos à rua, o meu pai, a minha mãe, toda a gente ver, ouvia-se as pessoas a andar tudo num desassossego, quando foi esse sismo maior, sim. Porque eu ainda conheci três, conheci esse mais pequenino, conheci o outro a seguir e esse grande, que aqui em Bensafrim ainda deitou muitas casas abaixo.

**PJP:** *Não estava aqui nessa altura?*

**GLSV:** Não, não estava não.

**PJP:** *Depois do 25 de Abril, há a construção ali daquele novo bairro?*

**GLSV:** Conheci o do Fundo de Fomento, conheci que havia casas de madeira além no Bairro das Eiras para as pessoas irem; depois o primeiro bairro a se fazer foi o Fundo de Fomento e as pessoas começaram a vir (das casas de madeira) para ali<sup>1</sup>. Depois, mais tarde, começaram então aquele lugar onde é que faziam a feira, que é a Zona Verde<sup>2</sup>, ali começou a crescer aquele bairro e do outro lado era o Bairro das Eiras, já as pessoas que havia aí no campo muito velhotas compraram terreno e fizeram casas além. Do Fundo de Fomento nasceu esse Bairro das Eiras, do Bairro das Eiras nasceu a Zona Verde e, agora, já nasceram outros por aí fora.

**PJP:** *Têm crescido muito?*

**GLSV:** Muito mesmo. Agora, estão aí pessoas que a gente já não conhece, já não está cá ninguém de Bensafrim.

---

<sup>1</sup> Bairro de habitação económica de promoção pública estatal, localizado na rua João de Deus.

<sup>2</sup> Bairro da Zona Verde, criado no âmbito do programa S.A.A.L. (Serviço de Apoio Ambulatório Local).

**PJP:** *São todos.*

**GLSV:** Os mais velhotes que era aqui tudo conhecido já foram. E, agora, começa a vir pessoas de tudo quanto é sítio, isto tem desenvolvido com toda a classe de pessoas, mas pronto, ainda bem que há lugar para todos.

**PJP:** *Nessa altura, lembra-se como é que chegavam aqui as notícias? Por rádio, televisão?*

**GLSV:** Televisão não havia. Logo nos primeiros anos apareceu para aí uma ou duas televisões, que chegávamos a vir do monte, pagávamos 5 tostões para ver televisão e recebia-se um reбуçadinho.

**PJP:** *Vinham à noite, ao fim do dia?*

**GLSV:** À noite.

**PJP:** *Vinham fazer o serão?*

**GLSV:** Vinham fazer serão, mas não era sempre. Era quando houvesse qualquer coisa assim mais importante: “- Olha diz que vai dar isto assim, assim.” E, então, tal dia, à sexta ou uma coisa qualquer lá vinham. Íamos para a casa do ti’ Zé Isidro, íamos para a casa de outro, havia duas ou três televisões em Bensafirim para as pessoas começarem a ver. Antes disso, era só comunicação por cartas e conseguia alguma coisa de urgência por telefone, tínhamos que vir à do senhor José Gonçalves, que era uma loja que havia ali que tinha o telefone do povo. Toda a gente que queria, e cartas e isso, púnhamos lá também no correio, e lá é que íamos telefonar para qualquer coisa. Eu lembro-me do meu pai e da minha mãe, a minha mãe esteve muito doente quando nasceu o meu irmão, que tem agora 62 anos, e a minha mãe esteve muito doente e foi ao médico e o médico mandou-a ir diretamente para Lisboa naquele tempo. E o meu pai, de bicicleta a pedal, foi a Lagos e só pelos resultados que o médico disse para ela se ir embora, e o que é que ele fez? Pediu a alguém em Lagos que escrevesse um postal de urgência. Foi à estação dos correios meter o postal no correio para chegar à patroa em Lisboa, que era dona do terreno onde ele fazia (trabalhava), porque a senhora tinha lá mais conhecimentos, e ele ia daqui destinado ao hospital de São José, ou que era, e eles lá pegaram nele e levaram para Santa Maria. Eram pessoas com conhecimentos e foi lá que a minha mãe teve dois meses e foi operada ao fígado que, naquele tempo, ninguém sabia o que era. Tinha algumas 119 pedras dentro do fígado! Tiraram aquilo para fora e esteve lá dois meses internada. E as comunicações para ela eram também só por carta, ela também não sabia escrever, pedia a alguém que escrevesse e a gente cá escrevíamos para ela.

**PJP:** *Esteve lá esses dois meses sozinha?*

**GLSV:** Sozinha. Não foi lá nem o meu pai nem ninguém. Se fosse hoje, ia logo tudo aí.

**PJP:** *E como é que foi? Foi no comboio? Como é que foram para Lisboa?*

**GLSV:** Acho que foi de comboio. O meu pai, de bicicleta a pedal, foi lá e comprou logo o bilhete, marcou logo, e depois alguém foi levá-la, já não me lembro quem foi, e eu andei de noite a dizer aí às vizinhas e à minha madrinha e às pessoas aí, que se quisessem ir dizer adeus à minha mãe, que fossem. E eu, às 10h da noite ainda andava por aí às portas das pessoas a bater, a dizer que ela se ia embora para Lisboa e então se quisessem ir vê-la, dizer adeus, que fossem. E pronto, e foi assim. Umas peripécias das vidas, do tempo e tudo tem um romance e tudo tem uma história! Às vezes, diz-se assim: Ah, fulano dava um livro! Todos dão um livro. E pronto, já passou e vai passando e é assim.

**PJP:** *Lembra-se de alguma história que gostasse de partilhar connosco sobre Bensafrim?*

**GLSV:** Olhe, das coisas que me lembro é que isto foi evoluindo, mas foi evoluindo muito devagar. Eu fiz muitas vezes parte de teatros, eu e outras pessoas, para... como é que se diz?... As festas de Natal para os velhotes: não vinha ninguém fazer nada, um espetáculo para animar as pessoas... E ajuntava-se aqui um grupinho e fazíamos e aquilo era engraçado, engraçadíssimo! Porque a própria população daqui, 3, ou 4, ou 5, ou 6, ou 7 pessoas faziam aquelas palhaçadas para entreter os velhotes e eu acho que isso ficou, porque tenho muitas fotografias, tenho muitas coisas assim, e ficou muito. Não foi só para mim, foi para todas as pessoas! Fazia-se os bolinhos, fazia-se o chá... Quando viesse aí a altura do Carnaval, mascarávamo-nos, eu e outras mais, e fazíamos o Carnaval aqui até Barão e aquelas coisas assim... Uma com o cesto, fazia-se o grupo de ceifeiras, fazíamos um grupo de militares e íamos pedir a roupa da marcha, como é que é?...

**PJP:** *Filarmónica?*

**GLSV:** Exatamente. Da Filarmónica. Vestíamos com aquilo, fazíamos duns soldados, fazíamos aquelas brincadeiras assim. Acho que aquilo que era muito engraçado.

**PJP:** *Eram vocês que se organizavam assim?*

**GLSV:** Sim, sim. Havia uma assim mais coiso que dizia: “- Olha, vamos fazer a peça que dava na televisão?” Qualquer coisa. faz-se aí um *skethzinho* como aquilo assim. Lá vinha com o vestido...

**PJP:** *E animavam?*

**GLSV:** E animava-se a população. E as pessoas que estavam a ver, diziam assim:

“– Olhem bem para isto!”

Até choravam de certas coisas que se fazia, porque se dizia, umas pessoas que não têm coiso, e está aqui uma animação! E, depois, já começou a haver mais dinheiro nas Juntas, começou então a vir...

**PJP:** *Gente de fora?*

**GLSV:** Gente já de fora a fazer o espetáculo, a fazer assim. E andávamos aí animando as pessoas. Íamos ao Lar, que já começou a haver o Lar; juntávamo-nos aqui à porta da Junta, com um cesto com biscoitos e uma tinha uns curiscos mal-amanhados, dizia umas coisas assim, e outra dizia umas coisas assim, andávamos por ali fazendo uma animação do povo e hoje já não parece aqui nada!

**PJP:** *E as festas?*

**GLSV:** As festas também eram muito bonitas, também eram muito boas! Eu lembro-me das festas de irem benzer os animais além por trás. Traziam os animais para ir benzer.

**PJP:** *O sr. padre ia benzer os animais?*

**GLSV:** Havia além uma ponte, as pessoas traziam para além os animais, era a Festa de São Luís, que é na altura do 24 de agosto. Num dia, era a Festa de São Bartolomeu e, no outro dia, era a Festa de São Luís.

**PJP:** *Eram juntas?*

**GLSV:** Eram juntas, num dia era uma, no outro dia era outra. E, então, ali por trás, onde é aquela ponte, onde vai ali para o lado da creche das crianças, não sei se a senhora conhece, ali, os animais passavam por aquela ponte e o padre benzia. Também era umas festas bonitas na Rua Direita: tinha uma quermesse, tinha fogo de artifício...

**PJP:** *Tinha a procissão?*

**GLSV:** Havia a procissão pelas ruas, tinha uma esplanada grande que os homens iam apanhar canas e armavam. Faziam, ali num bocado da rua, uma coisa para comer e beber, eram caracóis cozidos, quando viesse a altura dos santos populares, aquelas coisas assim. Havia festas também muito giras, com muitas árvores de fogo muito bonitas, o moinho, aquilo a faiscar, tudo! E muitos foguetes de lágrimas, que a gente também chamava...

**PJP:** *Como é que eram os foguetes de lágrimas?*

**GLSV:** Fazia assim às flores, a gente chamava foguetes de lágrimas. E, ali na ponta da rua, havia as árvores de fogo, que ficavam 2 ou 3 armadas. Abria uma, ao fim de umas quantas horas, abria a outra, e depois, lá ia, ia, abria a outra e iam fazendo a festa assim. E era muito giro. Vinha gente de todo o lado também.

**PJP:** *Para ver?*

**GLSV:** Daí para cá começámos também a fazer coisas engraçadas, mas aí já com a ajuda da Junta. Isso mais pelo São João, os Santos Populares. Mas, quando eu era miúda, em qualquer canto onde houvesse aí uma casa caída, armava-se lá um mastro e fazia-se lá uma festa! (risos)

**PJP:** *Estavam sempre dispostos para a festa?*

**GLSV:** E todos ajudavam uns aos outros! A Junta não participava, a Câmara não participava naquela altura...

**PJP:** *Era a iniciativa particular?*

**GLSV:** Era a iniciativa das pessoas, um que tinham mais uma ideia, outro que tinha uma carrinha que emprestava, outro tinha um camião ia buscar as canas com dois ou três em cima e lá iam fazer aquilo. E, depois, todos ajudavam! Até os moços pequenos já começavam: traz ali o arame, faz-se aqui, põe-se ali... E, depois, com umas tábuas faziam os balcões e aquilo funcionava tudo!

**PJP:** *Era uma festa.*

**GLSV:** Era uma festa, mesmo. Era uma animação, era o que havia. Era muito engraçado também. Tudo teve a sua época. E as pessoas unidas, não é? Quando era para fazer aquelas coisas, todos se uniam para ajudar.

**PJP:** *Às noites, aos fins-de-semana?*

**GLSV:** Sim, às tardes, quando viessem do trabalho. “– Olha, agora vamos com fulano, vamos buscar...” O meu marido tinha um camião, mais tarde: “– Vamos com o João Vieira, vamos embora!” Levava uma mão cheia deles, trazia uma carrada de coisas. Pronto, quando estivesse ali toda a gente começava a ajudar a fazer a barracada! Quem tinha jeito para a carpintaria fazia os bancos, fazia as mesas... Quem tinha jeito para outra coisa...

**PJP:** *Cada um participava com a sua arte.*

**GLSV:** Os telhados e tudo, aquilo punham uns paus, depois punham as canas lá por cima, aquilo fazia abrigada, fazia... Era muito giro, ficava engraçado! Coisas que agora já ninguém faz, a bem dizer, não é? Porque hoje em dia já vai tudo...

**PJP:** *Já são outros divertimentos. A vida é outra.*

**GLSV:** E era assim.

**PJP:** *Senhora Gracinda, muito obrigada pelo seu testemunho.*

**GLSV:** Foi o que se pôde arranjar. Pronto, até a gente se encontrar outra vez!

---

**Referência para citação:** MUSEU DE LAGOS / PALMA, Patrícia de Jesus – *Entrevista a Gracinda Lopes dos Santos Vieira*. 2024-02-16. 18 p. Acessível, com a ref.<sup>a</sup> PT/ML/AML/C/3/35/000042 em <https://abrir.link/QtxpO>.